

Capítulo I

Enquadramento Teórico-Conceptual:

Artes Visuais - Educação Visual

I.1. História do Ensino das Artes Visuais em Portugal

O ensino das artes visuais em Portugal começou por ser aprendizagem do Desenho. Machado de Castro¹, escultor, falou do desenho como disciplina essencial da aprendizagem no seu discurso recitado à corte em 1787. O Desenho apresentava-se como uma disciplina racional, um processo estruturante do pensamento para além de um exercício de destreza manual.

O caminho escolhido durante muito tempo na educação artística foi a racionalidade, própria do iluminismo² que moldava o ensino em Portugal. Durante mais de um século o desenho foi lecionado e confundido com a disciplina de geometria.

No entanto, em Portugal, não se sentiram os efeitos da revolução industrial, no século XIX. Para além de possuir uma das maiores taxas de analfabetismo da Europa, tinha poucas indústrias, a sua economia era ainda ligada ao artesanato. Vasconcelos (1877)³ é muito crítico em relação ao ensino das artes no país, caracteriza-o de medíocre e refere a má qualidade das amostras portuguesas nas exposições universais.

O Desenho, ou antes os traçados lineares eram lecionados em colégios particulares sobretudo religiosos e nas poucas escolas e liceus públicos. A par das escolas, o ensino do desenho e de técnicas artesanais ou semi-industriais passava pelas oficinas e empresas familiares, os aprendizes continuaram a existir em Portugal até ao séc. XX.

¹ Joaquim Machado de Castro (Coimbra, 19 de junho de 1731 - Lisboa, 17 de novembro de 1822) foi um dos maiores e mais renomados escultores portugueses. Machado de Castro foi um dos escultores de maior influência na Europa do século XVIII e princípio do século XIX.

² Iluminismo (ou simplesmente Era da Razão) foi um movimento cultural de elite de intelectuais do século XVIII na Europa, que procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento prévio.

³ Vasconcelos, Joaquim de (1877) *A Reforma de Bellas-Artes*. Porto: Imprensa Litterario Commercial [Consult. 2012.05.12]. Disponível em URL <http://purl.pt/980/1/ba-447-1-p_PDF/ba-447-1-p_PDF_24-C-R0075/ba-447-1-p_0000_capa-14_t24-C-R0075.pdf>

I.1.1. A instalação das estruturas do ensino (final do séc. XIX).

Até 1759 o ensino passava pelas escolas ligadas às ordens religiosas. Os poucos liceus, no séc. XIX, dividiam-se entre os grandes centros: Lisboa, Porto e Coimbra onde eram chamados liceus nacionais. Vasconcelos (1877) afirma que os alunos que entravam nas Belas Artes não tinham suficiente preparação elementar.

O ensino do desenho no ensino público secundário começa como disciplina, no currículo Português, a partir da reforma de 1860, no governo de Fontes Pereira de Melo⁴.

A reforma de Jaime Moniz⁵ em 1895 vem, pela primeira vez, trazer o conceito de Desenho com valor educativo além do seu contributo para a motricidade. Afirma-se, finalmente, que o desenho desenvolve os poderes de análise e síntese do espírito (Carvalho, 1986)⁶.

Durante todo o século, continuaram-se a usar os conteúdos de desenho geométrico, traçados lineares e na escola elementar, quando existia o desenho, era praticado pelo método Pestalozzi⁷ como preparação para o desenho à vista (Bêtamio, 1967)⁸.

I.1.2. Primeira República: Início do séc. XX.

As reformas do ensino durante a primeira república introduziram conceitos de massificação do ensino, valores morais e o papel do ensino como fundamento da prosperidade económica acreditando que o progresso técnico resolveria todas as questões sociais. Neste tipo de teoria enquadram-se os defensores do desenho ornamental, das Artes e ofícios como treino vocacional e melhoria da qualidade estética dos objetos. A escola ajudaria o educando a compreender e a transformar o meio que o cerca (Valente, 1974).

João de Barros⁹ moldou o ensino português, introduziu o desenho e a modelação nos currículos dos cursos de Formação de Professores primários e o ensino profissional (Valente, 1974)¹⁰.

⁴ António Maria de Fontes Pereira de Melo (Lisboa, 8 de setembro de 1819 – Lisboa, 22 de janeiro de 1887) foi um dos principais políticos portugueses da segunda metade do século XIX.

⁵ Jaime Constantino de Freitas Moniz, conhecido sobretudo como Jaime Moniz (Funchal, 18 de fevereiro de 1837 – Lisboa, 16 de setembro de 1917) foi um político e intelectual português que se distinguiu na área da educação.

⁶ Carvalho, Rómulo de (1986) *História do Ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

⁷ Método Pestalozzi (pedagogo suíço e educador pioneiro da reforma educacional 1746-1827) - Influenciado pelas ideias de Rousseau defendeu que a educação deveria "preparar os homens para certos desempenhos na sociedade". A educação devia apresentar-se como um desenvolvimento natural, espontâneo e harmónico das disposições humanas mais originais, na sua tríplice dimensão: a vida intelectual, moral e artística e técnica.

⁸ Bêtamio de Almeida (1967) *Ensaio para uma didática do desenho*. Lisboa: Escolar Editora.

⁹ João de Barros (Figueira da Foz, São Julião da Figueira da Foz, 4 de fevereiro de 1881 - Lisboa, 25 de outubro de 1960) foi um poeta, pedagogo e publicista português, formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra.

¹⁰ Valente, Vasco Pulido (1974) *Uma Educação Burguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

I.1.3. Congresso de Paris - Influências.

As diretrizes do congresso de Paris de 1900 onde se condenou a cópia de estampas, e se aconselhou o método Guillaume¹¹ baseado na geometria vigoraram em Portugal durante várias décadas (Bêtamio, 1967)¹².

É apenas a partir das reformas de 1918, decorrentes do pensamento dos primeiros republicanos que se pode falar efetivamente de um ensino de desenho nas escolas públicas. Foram introduzidos, no plano de estudos, os trabalhos manuais educativos. Os programas continuam com uma estruturação geométrica do tipo Pestalozziano. Um desenho geométrico muito extenso, desenho à vista a partir de sólidos geométricos.

I.1.4. A ditadura. Regressões e Repressões.

Em 1926 introduzem-se as ideias defendidas, em Paris e Londres em 1900, surgindo o desenho do natural e o decorativo. Apenas em 1947 aparece, graças a Bêtamio de Almeida¹³, o desenho livre. Composição decorativa, desenho à vista e geometria, continuavam a tradição de um ensino dedicado à destreza manual e em pouco ou nada contribuíram para uma verdadeira educação artística.

Na época da ditadura convém não esquecer a repressão política, a censura, a ausência de informação e de contacto com as ideias do exterior. O ensino artístico não interessava portanto, mas interessava sim que se tornasse numa prova de disciplina e destreza manual.

I.1.5. Anos 60/70 - A lenta atualização.

Em 1967, Bêtamio divulga a obra de H. Read¹⁴ - "Educação pela Arte"¹⁵ referindo o programa inglês de 1963 como modelo.

A partir dos anos sessenta forma-se, entre os professores de desenho, um grupo de pessoas informadas e com vontade de alterar a didática do desenho.

¹¹ Eugène Claude Jean Baptiste Guillaume (1822-1905), escultor francês e membro de uma comissão instituída para reorganizar o ensino de desenho na França, considerando o desenho como ciência, fez com que seus métodos de ensino fossem adotados praticamente em todo o seu país com influência em várias partes do mundo.

¹² Bêtamio de Almeida (1967) *Ensaio para uma didática do desenho*. Lisboa: Escolar Editora.

¹³ Alfredo Bêtamio de Almeida (1920-1985) conclui o curso de Desenho da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e, de imediato, inicia a sua atividade profissional no Liceu Pedro Nunes, ficando para sempre marcado pela intensa dinâmica pedagógica que caracteriza a instituição.

¹⁴ Herbert Read, Poeta e crítico de arte anarquista (4 de dezembro de 1893 - 12 de junho de 1968). Foi conservador do Victoria and Albert Museum de Londres e professor de Arte na Universidade de Edimburgo, Cambridge, Liverpool, Londres e Harvard.

¹⁵ Read, H. (1943). *A Educação pela Arte*. Edições 70. Lisboa

A partir dos anos 70 o termo Educação Visual substitui a designação: Desenho. As noções de arte como terapia, arte como desenvolvimento cognitivo, arte como conhecimento começam a infiltrar-se, timidamente, nos professores das disciplinas artísticas. Foi uma Associação sem precedentes, de inspiração Radiana que divulgou o conceito de educação pela arte, de expressões artísticas integradas e de arte terapia. Graças a este movimento, nos anos 70, desenvolveu-se a Escola Superior de Educação pela Arte, uma escola virada para o ensino das artes e para a formação de professores e educadores.

I.1.6. Educação Artística Modernista (anos 80-90) e inícios do séc. XXI.

Nos anos 80, a lei de bases do sistema educativo lança uma estrutura mais estável. No entanto, tratou-se de uma reforma vinda de cima o que levou à sua difícil implementação - a realidade das escolas levou muito tempo a aceitá-la. O ensino das artes visuais em todos os níveis de ensino é contemplado. Os programas da educação artística são desenvolvidos, por equipas de professores, no Ministério da Educação.

Na realidade das escolas portuguesas do século XXI, enquanto no ensino pré-escolar as artes são favorecidas no 1º ciclo, desaparecem muitas vezes do espaço de aprendizagem devido à falta de tempo ou de preparação dos professores. No 2º ciclo a Educação Visual e Tecnológica é de convivência difícil uma vez que com a nova reforma curricular, esta disciplina dividiu-se em duas, Educação Visual e Educação Tecnológica, passando a existir apenas um professor por turma. Na Educação Visual o desenho ocupa uma grande parte dos conteúdos, mas de um ponto vista funcionalista e não contextual. Por outro lado existe uma grande não interferência na aprendizagem do aluno, consequência da crença de que o aluno deve desenvolver livremente a sua criatividade.

I.1.7. No Futuro.

Desde o início do século XIX que o ensino das artes visuais nas escolas básicas e secundárias portuguesas optou por transmitir conhecimentos objetivos e desenvolver capacidades tecnicistas veiculando uma ideologia que promovia um cidadão acrítico. Com o estabelecimento da democracia na segunda metade do século XX, a educação artística optou por práticas educativas modernistas que, embora mais subtilmente, continuaram essas tradições.

Investigações recentes, demonstram que mesmo as crianças são capazes de práticas semióticas complexas. Sugerem que a finalidade da educação artística num currículo pós-moderno deveria contribuir para a compreensão dos contextos sociais e culturais dos indivíduos.

Cada vez mais, se entende o papel particular das artes no ensino e se acredita nas vantagens de um currículo onde as artes estejam presentes para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. É fundamental, no entanto, que tanto as práticas pedagógicas como as orientações do ensino artístico se adequem à sociedade pós-moderna integrando aspetos essenciais de análise crítica e contextual, reflexão e avaliação do processo de aprendizagem.

I.2. A importância do Ensino Artístico.

Hoje em dia, mais do que aprender a desenhar, pretende-se que os alunos aprendam a pensar. A Educação Visual não pretende criar artistas. Pretende que os alunos desenvolvam a criatividade que será indispensável em qualquer área da vida, o sentido crítico, a cultura visual e muitas outras aptidões que o contacto com as artes propicia.

São vários os autores que consideram a educação artística fundamental no ensino. Consideram ser uma área primordial da educação. Segundo Eisner (1972)¹⁶, só a arte dá contributos ao ensino sobre a compreensão humana pelo seu carácter endógeno e ímpar. Por sua vez, John Dewey (1931)¹⁷ afirma que a arte é uma forma de experiência que vivifica a vida, provoca sentimentos excepcionais que, por sua vez, nos transportam para emoções únicas na vida.

Já Read (1963)¹⁸, considera que a arte é a base da educação e, na sua obra *Educação pela Arte*, defende a tese de Platão: a arte deve ser a base de toda a educação natural. Afirma que o objetivo geral da educação é estimular o desenvolvimento do que é individual em cada pessoa, pois cada ser Humano é particular e singular dentro da rede social a que pertence. A obra do autor deu origem a uma corrente com o mesmo nome da sua obra - Educação pela Arte - que crê que o desenvolvimento da criatividade e das capacidades de expressão são indispensáveis para a formação plena do ser Humano.

I.3. As Artes no Currículo do Ensino Básico.

É inequívoco que o ensino das Artes Visuais, no Ensino Básico, é fundamental para a formação cultural, intelectual, social e cognitiva do aluno, pois favorece momentos de reflexão, interação, inter-relacionamento, além de trocas de experiências, aquisição de conteúdos e estratégias de conhecimento.

Cabe ao professor proporcionar caminhos que possibilitem a reflexão, seja através de observação, quer através da sua própria produção, ou dos colegas. É importante destacar,

¹⁶ Eisner, Elliot (1972) *Educating Artistic Vision*. New York: MacMillan; Barbosa, P. (1995) *Metamorfoses do Real*. Porto: Edições Afrontamento.

¹⁷ Dewey, John. *Arts as experience*. Nueva Cork, Minton, Balch and Company, 1934.

¹⁸ Read, H. (1943). *A Educação pela Arte*. Edições 70. Lisboa.

que o trabalho educacional em Artes Visuais, no Currículo do Ensino Básico¹⁹, não visa formar artistas, mas ampliar a capacidade criativa dos alunos e possibilitar que eles conheçam a linguagem artística e tenham um olhar sensível para o mundo, aprendendo a representá-lo.

É, então, preciso trabalhar a organização pedagógica das relações artísticas e estéticas com os alunos. As Artes Visuais, antes de mais são testemunho de um determinado tempo sócio-histórico-cultural, expresso através de quadros, estátuas, esculturas, museus e monumentos.

A educação artística no ensino básico desenvolve-se, maioritariamente, através de quatro grandes áreas artísticas, presentes ao longo dos três ciclos.

- Expressão plástica e educação visual;
- Expressão e Educação Musical;
- Expressão Dramática/Teatro;
- Expressão física - Motora/Dança.²⁰

No 1º ciclo as quatro áreas são trabalhadas, de forma integrada, pelo professor da classe, podendo este ser coadjuvado por professores especialistas. No 2º ciclo verifica-se um aprofundamento nas áreas de Educação Musical e da Educação Visual. Esta última associava-se à área tecnológica, dando origem à disciplina de Educação Visual e Tecnológica. No 3º ciclo o leque de escolhas à disposição do aluno é alargado. Permanece a Educação Visual como disciplina obrigatória e é introduzida outra área artística opcional, de carácter obrigatório, de acordo com a oferta de escola (Educação Musical, Dança ou outra).²¹

“As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspetivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive.

A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflete-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento.” (Currículo Nacional do Ensino Básico)²²

¹⁹ Anexo I: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais retirado de <http://dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>

²⁰ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais, pág.149.

²¹ No caso da ESQP, escola de estágio da autora desta relatório, trata-se da disciplina de Arte e Design (8ºAno)

²² MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais, pág.149.

I.3.1. Competências gerais das Artes no Ensino Básico.

As competências artísticas contribuem para o desenvolvimento dos princípios e valores do currículo e das competências gerais, consideradas essenciais e estruturantes, porque:

- Constituem parte significativa do património cultural da humanidade;
- Promovem o desenvolvimento integral do indivíduo, pondo em ação capacidades afetivas, cognitivas, sinestésicas e provocando a interação de múltiplas inteligências;
- Mobilizam, através da prática, todos os saberes que o indivíduo detém num determinado momento, ajudam-no a desenvolver novos saberes e conferem novos significados aos seus conhecimentos;
- Permitem afirmar a singularidade de cada um, promovendo e facilitando a sua expressão, podendo tornar-se uma “mais-valia” para a sociedade;
- Facilitam a comunicação entre culturas diferentes e promovem a aproximação entre as pessoas e os povos;
- Usam como recurso elementos da vivência natural do ser humano (imagens, sons e movimentos) que ele organiza de forma criativa;
- Proporcionam ao indivíduo, através do processo criativo, a oportunidade para desenvolver a sua personalidade de forma autónoma e crítica, numa permanente interação com o mundo;
- São um território de prazer, um espaço de liberdade, de vivência lúdica, capaz de proporcionar a afirmação do indivíduo reforçando a sua autoestima e a sua coerência interna, fundamentalmente pela capacidade de realização e conseqüentemente reconhecimento pelos seus pares e restante comunidade;
- Constituem um terreno de partilha de sentimentos, emoções e conhecimentos;
- Facilitam as interações sociais e culturais constituindo-se como um recurso incontornável para enfrentar as situações de tensão social, nomeadamente as decorrentes da integração de indivíduos provenientes de culturas diversas;
- Desempenham um papel facilitador no desenvolvimento/integração de pessoas com necessidades educativas especiais;
- Implicam uma constante procura de atualização, gerando nos indivíduos a necessidade permanente de formação ao longo da vida.

I.4. A disciplina de Educação Visual e o seu programa.

A Educação Visual é a disciplina onde se aprende a fazer, interpretar analisar e criticar. Na educação visual promove-se o pensamento visual, a expressão de ideias e sentimentos a partir de modos específicos deste campo do conhecimento humano. A educação visual inclui uma teoria e uma prática precisa a partir da reflexão, descoberta e criatividade. Nessa teoria e prática, o lugar do desenho como pensamento visual é essencial.

A Educação Visual é fundamental para a educação integral do cidadão. É a única área do saber onde se faz aquisição de uma linguagem em complemento à linguagem verbal e escrita da língua materna e à linguagem lógico-abstrata de matemática.

Os indivíduos devem desenvolver o poder de discriminação das formas, sendo capaz de analisar, com espírito crítico, o património artístico, cultural e o vasto campo de comunicação visual.

A Educação Visual deve promover uma integração de saberes no âmbito das teorias da arte, da estética e da educação. Compreende três dimensões essenciais para o desenvolvimento humano ao nível das artes: o sentir, o agir e o conhecer. Estas dimensões são desenvolvidas através do conhecimento e manuseamento de técnicas e materiais e do contacto com as obras de arte. Os discentes da Educação Visual devem ser criadores e fruidores.

O método de resolução de problemas pode ser usado mas dele não devem apenas surgir soluções utilitárias, mas, ao mesmo tempo, proporcionar a valorização da dimensão estética das propostas.

A Educação Visual deve intervir na realidade cultural onde a escola está inserida, os alunos devem ser conhecedores do seu meio envolvente.

Esta disciplina deve ser lecionada tendo em conta a comunidade, o projeto educativo de escola e as características dos alunos. Devem ser aplicadas dinâmicas pedagógicas que sejam eficazes, integrando as aprendizagens e produções em processo de reflexão e intervenção.

As competências em Educação Visual contribuem para o desenvolvimento dos princípios e valores do currículo e das competências gerais, consideradas essenciais e estruturantes, porque:

- Constituem parte significativa do património cultural da humanidade;
- Promovem o desenvolvimento integral do indivíduo, pondo em ação capacidades afetivas, cognitivas, sinestésicas e provocando a interação de múltiplas inteligências;
- Mobilizam, através da prática, todos os saberes que o indivíduo detém num determinado momento, ajudam-no a desenvolver novos saberes e conferem novos significados aos seus conhecimentos;
- Permitem afirmar a singularidade de cada um, promovendo e facilitando a sua expressão, podendo tornar-se uma "mais-valia" para a sociedade;

- Facilitam a comunicação entre culturas diferentes e promovem a aproximação entre as pessoas e os povos;

- Usam, como recurso, elementos da vivência natural do ser humano (imagens, sons e movimentos) que ele organiza de forma criativa;

- Proporcionam, ao indivíduo, através do processo criativo, a oportunidade para desenvolver a sua personalidade de forma autónoma e crítica, numa permanente interação com o mundo.

O facto de, no Currículo Nacional do Ensino Básico, desaparecido nas reformas ministeriais de 2012, as competências específicas estarem organizadas de uma forma estruturada, não significa que o professor tenha que seguir essa ordem.

Esta disciplina é de frequência obrigatória no 7º, 8º e 9º ano de escolaridade. As competências que o aluno deve adquirir, ao longo do ensino básico, de modo a que possa assumir uma atitude positiva face à atividade intelectual (atitudes e valores, investigação e projeção) e ao trabalho prático (realização), articulam-se em três eixos estruturantes - fruição-contemplação; produção-criação; reflexão-interpretação.

Para a operacionalização e articulação dos três eixos supracitados e por uma questão metodológica enumeram-se dois domínios das competências específicas: a comunicação visual e os elementos da forma.

Na gestão do processo de ensino-aprendizagem, cada proposta de trabalho estrutura-se a partir do perfil de competências definido e dos eixos fundamentais considerados:

- Os saberes específicos da Educação Visual;
- Os suportes, materiais e técnicas que permitem a realização de projetos;
- Os campos temáticos onde as propostas de trabalho se devem inserir, integrando as aprendizagens e as produções em processos de reflexão e intervenção.

O Programa da Disciplina de Educação Visual é um Programa aberto e flexível. Este Plano de organização do ensino - aprendizagem constitui sobretudo uma referência fundamental, indicando os conteúdos e competências essenciais a trabalhar, a nível da Escola, em cada ano de escolaridade.

A programação feita para o 7º, 8º e 9ºano contempla quer o ajustamento do programa²³ de Educação Visual, quer o documento "Competências específicas - Educação Visual".

No 7ºano aborda-se fundamentalmente o desenho expressivo, o desenho de observação e o desenho geométrico. Pretende-se que, na globalidade, o aluno compreenda a linguagem visual, utilizando-a para se exprimir graficamente, interpretar significados, comunicar e intervir visualmente.

No 8ºano aborda-se fundamentalmente a representação do espaço e a conceção de formas aplicando o método de design. Pretende-se que o aluno analise e tenha em conta os fatores que determinam a forma dos objetos, compreenda e utilize, nas suas

²³ Anexo II: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Departamento de Educação Básica - Ajustamento do Programa de Educação Visual: 3º ciclo. [Suporte Eletrónico]. Lisboa: Ministério da Educação, 2001b. [Consultado em 08/09/2011]. Disponível em <http://www.dgidec.min> (AnexoIII)

propostas/projetos, diferentes modos de representação de objetos e do espaço tridimensional, aplicando códigos de representação normalizada.

No 9ºano coloca-se a tónica na realização de projetos (de objetos de design de equipamento e de moda, de design gráfico, de objetos de comunicação estética, de espaços), nos quais são aplicados e aprofundados conhecimentos anteriores.

Nas unidades de trabalho, a organização do processo de Ensino/Aprendizagem prevê atividades que atravessam os eixos estruturantes das competências específicas: fruição/contemplação, reflexão/interpretação e de criação/produção.

No 3.º ciclo, o leque de escolhas à disposição do aluno é alargado. Permanece a Educação Visual como disciplina obrigatória e é introduzida outra área artística opcional, de carácter obrigatório, de acordo com a oferta da escola (Educação Musical, Oficina de Teatro, Dança ou outra).

No entanto, considera-se que o programa é pouco apelativo, isto é, torna-se repetitivo (os alunos repetem no 3º ciclo muitas coisas que trabalham no 2º ciclo; as unidades de trabalho do 7º e 8º são iguais), pelo que o programa deveria de ser reestruturado e incluírem-se novas unidades de trabalho. No que diz respeito ao 9º ano sugere-se que deveria de haver uma disciplina mais focada para todas as artes visuais, onde os alunos pudessem libertar a sua imaginação, pois já estão noutra patamar.

I.4.1. Aspetos do Ensino-aprendizagem de Educação Visual.

As aprendizagens dos conteúdos de referência são tão importantes como a formação de uma cultura artística e aquisição de aptidões e atitudes:

Ser criativo - explorar, sem constrangimento, as possibilidades sem um objetivo imediato de elaborar qualquer coisa de definitivo. Propor várias soluções.

Trabalhar “o modo do artista” - observar o ambiente - a rua, a paisagem - de modo particular. Olhar o real, pesquisando formas de maneira indiscriminada. Tudo é igualmente importante. Personalizar a obra de forma a reconhecer-se o autor.

Ter pensamento lógico - ser um observador do seu próprio trabalho e modificar, ou corrigir a sua atuação. Saber explicar aquilo que fez e ter uma opinião sobre o trabalho dos outros. Saber criticar o seu trabalho e o dos colegas. Saber aproveitar o trabalho de grupo como modo de enriquecimento que o trabalho dos outros trás a cada um.

As áreas de exploração propostas pelo Ajustamento do Programa de Educação Visual 3º Ciclo do E.B. (2001) são: o Desenho; a Pintura; a Escultura; a Banda Desenhada; a Fotografia e Vídeo e a Gravura e Impressão.